



OS BANQUEIROS

Os grandes credores do Brasil, homens cheios de segredos.

Uma história que corre entre os grandes banqueiros — e os diverte — é que a Grande Caimãs é a “Ilha do Tesouro”, descrita pelo romancista inglês Robert Louis Stevenson, na imortal história de piratas e ouro escondido num ponto remoto do mundo. Os próprios habitantes da Grande Caimãs gostam de ouvir dizer que ali foi (é) “a Ilha do Tesouro”. Jamais se saberá se tudo é apenas uma lenda ou não, assim como pouco se sabe sobre o que representa esta ilha das Antilhas na vida dos maiores bancos e banqueiros do mundo. Os banqueiros cultivam segredos, e o que acontece, na realidade, na ilha Grande Caimãs, é um dos maiores.

A ilha tem uma aparência de paraíso, não apenas pelo bucólico cenário de palmeiras e sol eterno. Apesar de estar a 320 quilômetros de um lugar conturbado como a Jamaica, Grande Caimãs é o paraíso fiscal dos superbancos, que ali movimentam bilhões e bilhões de euros e dólares e contas que têm raízes na América do Sul. As fachadas dos bancos imensos como o Bank of America nada dizem. A linguagem cifrada do telex liga a ilha misteriosa dos tesouros modernos a Londres e Nova York, transportando e encerrando os segredos.

Um dos bancos que movimentam bilhões de dólares na Grande Caimãs é o Bank of America — um dos seis maiores credores da dívida externa brasileira. Mas quando o escritor Anthony Sampson tentou saber alguma coisa do gerente local, ouviu apenas: “Nós mantemos aqui um perfil modesto...” Sampson, em seu livro “Os Credores do Mundo”, conta umas histórias muito interessantes sobre quem são os banqueiros e os bancos que operam no mundo inteiro — e a história tantas vezes sigilosa de suas fortunas e poder.

Superando o terremoto

O Bank of America, por exemplo, começa com um desprezível filho de imigrantes italianos que fizeram a América no fim do século passado. Este tipo, Amadeo Gianini, usa de uma veia teatral para montar um negócio fabuloso. E seu banco (Bank of Italy, inicialmente, em 1904), em menos de 30 anos é o terceiro dos Estados Unidos. O diabo é que em 1906, aquele célebre terremoto destruiu quase toda San Francisco, sede do banco de Gianini. Sampson conta esta lenda: “Gianini chegou ao banco justamente a tempo de levar de lá, em carroças, o ouro depositado”.

Depois do terremoto, de qualquer modo, outros bancos continuaram fechados, em San Francisco. Gianini era esperto. Levou uma sacola cheia de dinheiro para o porto. Qual um camelo, gritava que estava disposto a emprestar. E que, graças aos seus préstimos e empréstimos, San Francisco não apenas seria reconstruída; seria ainda maior do que antes.

“Em 25 anos”, conta Sampson, “o pequeno banco italiano se transformara numa potência financeira formidável — um triunfo do populismo contra os princípios aristocráticos.” Os maiores bancos americanos do século XX já existiam, de alguma forma, no começo do século XIX. Em meados de 1800 os americanos levantavam grandes empréstimos na Inglaterra, “mas os ingleses — escreve Sampson — consideravam os Estados Unidos um país em desenvolvimento por demais irresponsável, com uma negra história de desfalques, propaganda fraudulenta de lançamentos de projetos e inadimplemento”. Até hoje, existe uma comissão de banqueiros ingleses tentando cobrar uma imensa dívida do Banco do Estado do Mississippi — considerado caloteiro, ao lado de mexicanos, chineses e russos do tempo do czarismo. Mas enquanto o Bank of Mississippi falia, em 1839, os pequenos bancos de Nova York só sabiam crescer. Dois deles ficaram particularmente famosos e são os maiores credores de nossa dívida externa: o Citibank e o Chase Manhattan Bank.

O grande salto do Citibank foi marcado pela presença do industrial Moses Taylor. O Citi acreditou num projeto muito ambicioso e se saiu bem, pois ajudou a financiar o primeiro telégrafo transatlântico. No fim do século XIX, a figura central é James Stillman, que criou uma sólida amizade com William Rockefeller, irmão mais moço do fundador da Standard Oil. A associação destes dois homens foi fundamental. “O poder do petróleo e o poder do dinheiro — diz Sampson — já se entrelaçavam intimamente em Nova York.” Grande parte de fundos de sobra da Standard Oil foram depositados no Citibank. E, mais tarde, duas filhas de Stillman casaram-se com dois filhos de William. Mas, desde 1877, o Citibank enfrentava uma pesada concorrência com o banco que se tornaria o seu principal rival: o Chase National Bank.

David, a estrela do Chase.

O Chase mudou de nome em 1955, quando conseguiu sua fusão com o banco mais antigo de Nova York, o Manhattan. Foi assim que surgiu o Chase Manhattan, depois de uma complicada trama jurídica, porque, devido a uma velha carta patente de 1799, o Manhattan parecia inexpugnável. A solução foi, tecnicamente, o Manhattan tomar conta do Chase. Por sua vez, como diz Sampson, “o Chase parecia agora o mais aristocrata dos bancos de varejo”.

A estrela ascendente no Chase, dos anos 50 em diante, foi a de David Rockefeller. Começou modestamente no banco, chegando ao trabalho de metrô. Em pouco tempo, foi promovido a vice-presidente para a América Latina. Em 1956, ano da fusão com o Manhattan, era nomeado para uma das quatro vice-presidências executivas.

David passou a governar o Chase — tornou-se presidente a partir de 1960 — com a política de um verdadeiro príncipe. Viajava por todo o mundo e tinha prazer em conhecer pessoas, chegando a ter uma agenda com 40 mil nomes. Suas viagens se estendiam a capitais de todos os teores ideológicos, de Pretória até Moscou. Foi nesta fase que seu concorrente, o Citibank, passou a viver um impressionante surto de crescimento.

Enquanto David subia no Chase, o Citibank, em 1952, escolhia James Stillman Rockefeller, cujos sobrenomes representavam duas dinastias monetárias: um dos avós era William Rockefeller e o outro James Stillman, que contruía o Citibank no princípio do século. Stillman Rockefeller perpetuou a tradição do banco, de espírito empreendedor combinado com conservadorismo: adotava

um estilo sólido, mas com relâmpagos da implacabilidade do avô. Expandiu-se pelos subúrbios de Nova York e aproximou-se mais do consumidor comum, concedendo-lhe acesso mais fácil a empréstimos. Enquanto o Chase construía seu palácio nas proximidades de Wall Street, o Citibank erguia uma sede muito menos elegante na Park Avenue, a nova vitrina do capitalismo consumista.

Da briga, nasce o FMI.

No fim dos anos 60, o nome que vai crescer no cenário do Citibank é o do vice-presidente Walter Wriston, considerado “um enérgico caçador de lucros, que via no mundo um campo de batalha”. Nesta fase, mais do que nunca, a concorrência entre Citi e Chase torna-se intensa e se dá nos mais altos escalões do mercado mundial.

Anthony Sampson relata minuciosamente, em “Os Credores do Mundo”, a história da criação do Fundo Monetário Internacional. Segundo o autor, britânicos e americanos começaram a discutir nova ordem econômica para o pós-guerra, depois de Hitler ter tocado no assunto. Os ingleses pediram ao economista J. Maynard Keynes que fizesse os estudos para um sistema econômico baseado num novo tipo de banco internacional. E Keynes pensou num Banco Central Mundial que até emitiria suas próprias notas, “criando crédito para os países mais ricos e permitindo saques a descoberto por parte das nações mais necessitadas”.

O economista foi, sem dúvida, relata Sampson, influenciado pela própria crise iminente da Grã-Bretanha, que exigiria grandes saques a descoberto, mas tinha uma visão mais ampla de como tal união poderia ajudar os países pobres a sobreviver a ciclos econômicos ou quedas nos preços de seus produtos básicos. E previu com grande clareza os problemas que afligiriam o Terceiro Mundo nas décadas seguintes.

A partir de 43, Keynes passou a ter constantes encontros com o americano Harry Dexter White, consultor de Henry Morgenthau, secretário do Tesouro dos Estados Unidos. As reuniões destes dois homens ficaram célebres pela rispidez com que discutiam. E a idéia do banco despertava dúvidas e discussões. Um vice-presidente do Citibank indagava: “Onde é que se pode, neste mundo, emprestar de 30 a 50 bilhões sem a menor esperança de ser ressarcido?” O projeto do banco, concebido pelos britânicos, imaginava um modelo que aceitasse riscos maiores do que os bancos comerciais. Os americanos terminaram vencendo, e o banco ficou restrito a emprestar dinheiro para projetos específicos. Depois do acordo final, Keynes expressou uma idéia otimista: “Se pudermos continuar numa tarefa maior como começamos nesta tarefa limitada, haverá esperança para o mundo”.

O sonho vira pesadelo

Mas já em 46 quando os delegados que discutiam a criação do FMI e do Banco Mundial se reuniram, o clima tinha mudado. Keynes insistiu na tese de que os organismos deviam ter como sede Nova York. Exausto, depois de muita discussão, Keynes sofreu um ataque cardíaco no trem que o levava de volta a Washington.

O economista inglês estava seguro, como todos, de que o primeiro diretor-executivo do FMI — com todos os poderes — seria o americano White. Teve uma surpresa: o presidente Truman foi informado de que White e outros altos funcionários americanos passavam informações secretas ao Exterior — que chegaram à União Soviética. White começava a cair em desgraça. Segundo Martin Mayer, em “Os Banqueiros”, destituído de controles e com inflação galopante o sonho de Keynes “começava a parecer-se cada vez mais com um pesadelo”.

F.M.

